Príncipes do Brasil

MICHELLY RIBEIRO

Príncipes do Brasil

Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA) do ano de 2009.

R484p Ribeiro, Michelly Antunes

Príncipes do Brasil. - Lorena: FATEA, 2009.

207 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, Faculdade de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. 2009.

Orientadora: Profª Me. Bianca de Freitas

1. Família imperial brasileira. 2. Monarquia.

3. Jornalismo.

CDU 929.5

Autora: Michelly Ribeiro

Orientadora: Me. Bianca de Freitas

Capa: Natassia Kuraiem

Fotos: Arquivo / Michelly Ribeiro

Impressão: Eurograf

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico este livro à minha família que me ajudou durante esses longos 4 anos de faculdade, ao meu pai que se virou em "mil" para que eu pudesse-se finalizá-lo.

Dedico também ao meu noivo que foi paciente até demais comigo durante todo período de execução deste trabalho.

Registro aqui também meus agradecimentos:

À minha orientadora, Bianca de Freitas;
À aluna do 3º ano de DI (responsável pela arte de capa), Natássia Kuraiem;
Aos colegas do 4º ano de Jornalismo do ano de 2009.

Aos príncipes imperiais e reais do Brasil:

Dom Luiz de Orleans e Bragança;
Dom Bertrand de Orleans e Bragança;
Dom Antonio de Orleans e Bragança e
Dom João de Orleans e Bragança
os quais me receberam muitobem
e foram cordiais ao extremo.

E agradeço ao Eraldo da gráfica Eurograf de Guaratinguetá/SP por ter feito o trabalho final do meu livro com rapidez e presteza.

"A história é a essência de inúmeras biografias. "

(Thomas Carlyle)

"A história é émula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro. "

(Miguel de Cervantes)

Sumário

Introdução 09

***Parte 1*:**

Exílio: O início 13
D. Pedro II e o fim da Monarquia no Brasil 19
A luta pelos ideais monárquicos 33
A Monarquia e os movimentos monárquicos 43
A Legitimidade Monárquica 77

***Parte 2*:**

O Chefe da Casa Imperial do Brasil 87
TFP - Tradição Família e Propriedade 115
Dom Bertrand 135
Dom Antonio 151
Uma perda irreparável 173
O Príncipe Moderno 185
Vida de Chefe 209

Bibliografia 213

Introdução

Posso dizer que este livro nasceu na minha infância. Desde muito nova, me interessava tudo o que dizia respeito à história do Brasil colonial. Era apaixonada pelos príncipes brasileiros que se tornaram heróis na nossa história. Vislumbrava museus, roupas de época e, como toda criança, os contos de fada.

Mas, eu cresci, entrei para a faculdade de Jornalismo, a qual nem imaginava, porém fui me apaixonando, a cada ano, por essa profissão que vicia. Quando comecei a pensar em TCC, estava ainda no 2º ano da faculdade, não tinha ideia do que faria. Como que por acaso, acabei encontrando, em um site de relacionamentos, comunidades diversas sobre a família imperial brasileira, o que me chamou a atenção no primeiro momento e me motivou a aprofundar o assunto, sabendo da existência de príncipes no Brasil em plena República.

Comecei as pesquisas, fui me aprofundando, fiz os contatos e o livro foi consequência. Neste projeto experimental, senti a necessidade de dividir em duas partes: a primeira, para situar o leitor na história e para fazê-lo entender um pouco mais sobre o que é a Monarquia Parlamentarista, bem como ela funciona em diversos países nos quais ainda vigora esse sistema. A segunda, para mostrar os perfis de pensamento de cada príncipe dos ramos dinástico e não-dinástico, mesmo sem a Monarquia vigorar no Brasil.

Durante a execução deste trabalho, pude me envolver e, ao mesmo tempo, perceber que a história de príncipes e princesas nem sempre é um conto de fadas com um final feliz e é o que você poderá acompanhar no decorrer de *Príncipes do Brasil.* Boa leitura!

Parte 1

Capítulo 1

Exílio: O começo

Em seis de junho de 1938 nascia na cidade de Mandelieu na França, um homem que modificou os rumos de uma monarquia inexistente, porém operante, desconhecida para a maioria do povo, mas exercida com o coração. O país de nascimento não foi o Brasil, por conta do exílio ocorrido na época, após o fim da monarquia no país. Seu nome é Luiz Gastão Maria José Pio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança e Wittelsbach, mais conhecido por Dom Luiz de Orleans e Bragança, o primogênito de mais onze irmãos.

Foi batizado em uma capela na mesma casa onde nasceu, que foi construída por sua avó, no entanto, foi registrado no Consulado Brasileiro como filho de

brasileiros, sendo considerado a partir de então, brasileiro nato.

As dificuldades eram intensas na época, devido à segunda guerra mundial. O pai de dom Luiz, Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, pretendia voltar ao Brasil quando estourou a guerra, mas o período não era propício, estavam em uma das épocas mais significativas dos 33 anos de exílio, consideradas como uma das mais longas registradas na história.

Conseguiram voltar ao país da "calmaria" apenas em 1945. "Tinha mais ou menos seis anos de idade, e eu ainda via restos de guerra. A casa onde morávamos foi bombardeada pela artilharia naval quando houve desembarque no sul da França. Meu pai nos levou a uma região de montanhas onde havia mais comida. Dizem que existe fome no Brasil, mas fome mesmo é a que ocorre em època de guerra", disse dom Luiz.

Ainda refugiado nas montanhas, antes de uma longa caminhada rumo ao Brasil, o jovem príncipe podia desfrutar de leite, gado e alguma quantidade de carne,

além da distância do campo de batalha que proporcionava segurança para ele e toda família. Lá, ele ficou por pouco tempo, até pegar o desembarque, cruzar as forças americanas chegando à sua casa, onde, para sua surpresa, acabou encontrando um buraco enorme na parede, que mais parecia o de uma bomba, além de mais vários outros espalhados por todo o jardim.

Como a fome ainda era intensa devido à falta de comida, sua família costumava plantar todo tipo de alimento no jardim de casa; ao invés de flores, milho, por exemplo. Com as frutas, se faziam comportas para que durassem, colocando-as em vidros muito bem fechados. Não havia vinha e o café era feito com sementes de carvalho, que era detestado pelo príncipe. Leite e açúcar, nem se fale! Era tudo muito raro. O que existiam sobrando eram as rações que os soldados utilizavam para se alimentar durante a guerra, e que eram consumidas pela população em alta quantidade, o que acabava por fazer com que muita gente passasse mal por ser muito forte, e como não estavam acostumados com esse tipo de

produto, muitos acabavam morrendo de indigestão. “Minha mãe teve o bom senso de pegar, dissolve-lo em água, fazer uma sopa bem rala, e pouco a pouco íamos consumindo. Nunca tive problemas!”, afirmou.

Um dia, o pai do jovem príncipe chegou com um cacho de bananas enorme, conseguido em um depósito americano. Chegou em uma bicicleta porque não havia combustível para os carros na época, e em seguida mostrou a surpresa aos filhos. O jovem Luiz saboreou demoradamente aquela fruta como se fosse a única. “Achei uma delícia!”.

Quando terminou a guerra, a família pegou o primeiro navio que cruzou o Atlântico na época, um navio português, até Lisboa onde foram muito bem recebidos por amigos. Lá, permaneceram por duas semanas, até tomarem o primeiro navio, que era lento e pequeno, e que fez com que a família passasse 45 dias em alto-mar. Tudo isso porque havia falta de combustível e o navio tinha que buscá-lo nas Antilhas holandesas, dando uma volta imensa até chegar ao Rio de Janeiro.

A família imperial chegou na capital carioca em 1945, se deparou com a Baía de Guanabara repleta de névoa, pouco se via do Pão de Açúcar ou do Corcovado. Mas, dom Luiz se impressionou mesmo foi com os brasileiros: sua alma, receptividade e inteligência.

Moraram em vários lugares: se instalaram, primeiro, em uma casa alugada em Santa Teresa, um lugar alto e agradável, de lá foram para a Rua Pai Sandu, depois para o bairro da Urca. As coisas foram melhorando e, o pai de dom Luiz comprou uma fazenda de café no Maracanã, de cerca de 70 hectares ou 160 alqueires. Dessa vez, já se podia sentir o gosto do bom e verdadeiro café brasileiro! Dom Luiz diz que sente saudades dessa època. “Foi a època mais feliz da minha vida”.



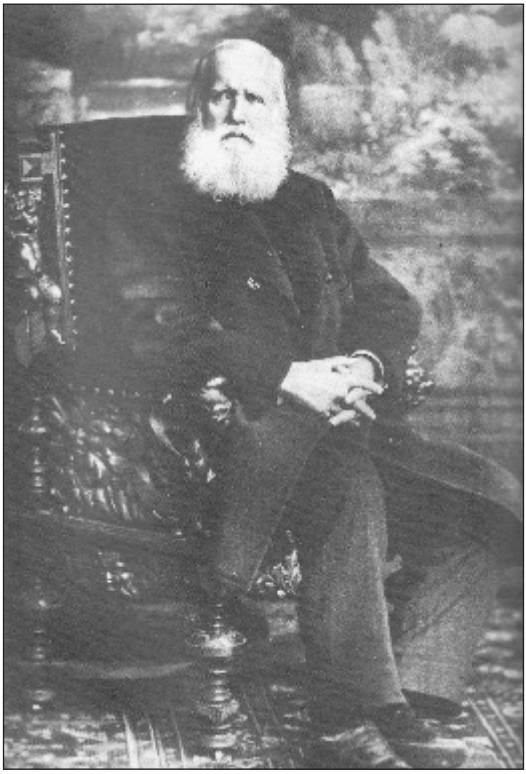
Família Imperial reunida com Dona Maria e Dom Pedro Henrique. (fotografia de 1962).

O príncipe estudou em um colégio nas proximidades dessa fazenda, e ao terminar, foi estudar Química na Europa. Não chegou a exercer a profissão, mas seguiu dando prosseguimento às coisas da família.

Capítulo 2

Dom Pedro II e

O fim da Monarquia no Brasil



Dom Pedro II nasceu no Palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro no dia 2 de dezembro de 1825, filho de dom Pedro I e da Imperatriz Leopoldina. Recebeu o nome de Pedro de Alcântara João Carlos Salvador Bebiano Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Gonzaga de Bragança e Habisburgo, e imperou por 58 anos, de 1831 a 1889, ano do início da república. Era o sétimo filho de dom Pedro I, herdou o direito do trono com a morte de seus dois irmãos mais velhos, dom Miguel e dom Carlos.

Sua aclamação ocorreu em 7 de abril de 1831 com a abdicação de seu pai ao trono, que foi forçado a partir para o estrangeiro a fim de lutar pelo trono da filha mais velha, usurpado por seu irmão, o infante dom Miguel. A filha em questão, irmã de dom Pedro II, era Maria da Glória. Por ainda ser menor de idade, dom Pedro II, durante o período de regência, teve, a princípio, como seu tutor o estadista e poeta brasileiro, José Bonifácio de Andrada e Silva. Quando completou a maioridade em 23 de julho de 1840, foi coroado no ano seguinte em 18 de

julho. Sua história foi marcada por grandes instrutores: após a destituição de seu tutor José Bonifácio, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior, conhecido por Marquês de Itanhaém, passou a ser seu novo tutor. Junto a ele, teve vários mestres sob orientação do carmelita Frei Pedro de Santa Mariana e, mais tarde, o bispo de Crisópolis que lhe ensinou detalhes sobre a igreja Católica, latim e matemática.

Em 1842, com 17 anos de idade, casou-se com a princesa Teresa Cristina Maria, com a qual teve quatro filhos: Afonso (1845-1847), Isabel – "a redentora" (1846-1921), Leopoldina (1847-1871) e Pedro (1848-1850). Certamente, com a morte de seus dois únicos filhos homens, os quais apenas viveram dois anos de vida, foi que Dom Pedro II mais sofreu: